

INFÂNCIA E EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN

LESSA, Juliana Schumacker¹**Resumo**

O presente artigo é resultante de um aprofundamento teórico sobre o conceito de experiência, realizado com a participação em seminários especiais, e nos encontros mensais em grupo de pesquisa. As discussões se localizam no bojo da reflexão sobre a experiência da infância na modernidade e tomam como interlocutores teóricos, os filósofos Walter Benjamin e Giorgio Agamben. Primeiramente, o texto se dedica a uma reflexão que busca compreender como as concepções de infância e história aparecem nesses dois autores atravessando o conceito de experiência. Posteriormente, vemos como a relação entre essas duas noções permite pensar a noção de experiência enquanto linguagem, memória e pensamento. A infância e a reflexão em torno dela é compreendida como dimensão simbólica constitutiva da condição humana, cujo apagamento é um sintoma da modernidade.

Palavras-chave: Infância; Experiência; Linguagem; Walter Benjamin; Giorgio Agamben.

Abstract

This article is the result of a theoretical study on the concept of experience, discussed, analyzed and reflected during conducting special seminars and monthly discussions in the research group. Discussions are located in the core of the reflection on the experience of childhood in modernity and take as theoretical interlocutors philosophers Walter Benjamin and Giorgio Agamben. First, the text is dedicated to a reflection that seeks to understand how childhood and the history appeared in these two authors. Later, we see how the relationship between these two concepts to suggest the notion of experience as language, memory and thinking. I situate childhood and reflection around it in the philosophical thinking of human formation within the creation, or even transformation of subjectivity and thought; what unfolds also in the understanding of childhood as a metaphor, which can be conceptualized transcendently, according to the thought of Giorgio Agamben.

Keywords: Childhood; Experience; Language; Walter Benjamin; Giorgio Agamben.

O presente artigo é resultante de um aprofundamento teórico sobre o conceito de experiência, realizado a partir da participação em seminários especiais sobre o tema e das discussões mensais em grupo de pesquisa². O que motivou a realização

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES.

² No decorrer do ano de 2015 (primeiro e segundo semestres) foi realizado uma série de estudos teóricos, a partir da realização de seminários especiais e da participação em grupo de estudos sobre infância em Walter Benjamin, os quais tinham como eixo central, a discussão sociológica, histórica e filosófica crítica em torno da modernidade, da pobreza de experiência e da infância enquanto produto histórico. Os seminários realizados foram: SE: “Experiência, Diferença e Educação”; SE: “Infância e História em Walter Benjamin”; SE: “Teoria Crítica, Sociedade e Cultura: questões para pensar o presente”, oferecidos pela Linha de pesquisa Sociologia e História da Educação no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa

do estudo foi o interesse no adensamento do conceito, a partir da interlocução teórica com Giorgio Agamben e Walter Benjamin. Este conceito vem sendo, recentemente, foco de intensos debates no interior da área de estudos e pesquisas da educação na pequena infância, mais especificamente no âmbito das noções que embasariam uma pedagogia *para e da* infância.

Primeiramente, o texto se dedica a uma reflexão que busca compreender como as noções de infância e história aparecem nesses dois autores. Posteriormente, vemos como a relação entre essas duas noções permite pensar o conceito de experiência enquanto linguagem, memória e pensamento. A infância e a reflexão em torno dela no pensamento filosófico da formação humana situa-se no lugar da criação, ou mesmo, transformação da subjetividade e do pensamento; o que se desdobra também na compreensão da infância enquanto experiência do pensamento, que pode ser conceituada transcendentemente³, segundo o pensamento de Giorgio Agamben. Neste sentido, a infância aparece como aquilo que se situa no hiato entre voz e linguagem, entre potência e ato, entre língua e discurso: “uma experiência - através da morada infantil na diferença entre língua e discurso - da própria faculdade ou potência de falar” (AGAMBEN, 2005, p. 14). Para Agamben, a infância está colocada como o lugar da experiência, que por sua vez consiste na experiência do pensar, entre aquilo que é, portanto, o próprio pensamento, ou seja, aquilo “entre o inteligível e o sensível” (AGAMBEN, 2005, p. 27).

Como pesquisadora da área educacional, com frente investigativa na sociologia e na história no tema da infância e sua educação, perlaborar os escritos de Benjamin e de Agamben me levam a compreender a experiência da infância como algo que está na ordem da linguagem, localizada na possibilidade do indizível. A infância enquanto potência do falar, potência do pensamento que se irrompe na fala, cuja resistência pode ser encontrada na linguagem poética e artística. Ao

Catarina. O grupo de estudos “Infância e Inabilidade” foi organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC).

³ Importa ressaltar a consideração que Agamben faz com relação à redefinição do conceito de transcendental, propondo uma definição alternativa: “uma das tarefas do pensamento contemporâneo é certamente a redefinição do conceito de transcendental em função de suas relações com a linguagem. Se é realmente verdade que Kant pôde articular o seu conceito de transcendental somente na medida em que omitiu o problema da linguagem, “transcendental” deve aqui indicar, alternativamente, uma experiência que se sustém somente na linguagem, um *experimentum linguae* no sentido próprio do termo, em que aquilo de que se tem experiência é a própria língua.” (AGAMBEN, 2005, p. 11).

mesmo tempo, este processo de reflexão me leva a questionar como seria possível problematizar essa potência do pensar, expressa pela linguagem, na experiência educativa.

Por detrás das figuras filosóficas de Benjamin e Agamben também reside uma experiência muito marcante em minha vida, concomitante à interlocução que vinha estabelecendo com os autores. Experiência que ganha os contornos de um certo aprendizado que se dá, conforme disse Agamben, num “aprender somente através de e após um sofrimento, que exclui toda possibilidade de prever, ou seja, de conhecer com certeza coisa alguma.” (2005, p. 27). A este “conhecer com certeza” de que se refere o autor, e que se encontra fora da possibilidade de experiência corresponde a uma lógica racional e instrumental, na qual a experiência é expropriada do homem e atribuída ao objeto. *A experiência se torna experimento e, ao homem, lhe resta experimentar algo que está fora de si, que encontra-se externo a ele.* Benjamin e Agamben me levaram a refletir sobre a linguagem daquilo que é imprevisível, que nos toma de assalto e onde os nomes nos faltam. Uma experiência transcendental, cunhando os termos de Agamben (2005, p. 11), ou seja, a experiência não de um objeto, mas da própria linguagem.

Para Agamben, a crise do moderno conceito de experiência, que a expropria do sujeito chega à sua evidência máxima na ideia de inconsciente, vista a partir do episódio da queda de Montaigne⁴ (*Essais*) e sua perda de consciência, narrando o que seria uma experiência do inconsciente. Neste episódio, “Montaigne relata um incidente ao qual parece atribuir uma importância particular” e desta lembrança, ele traça uma série de divagações:

nas quais um estado crepuscular converte-se em modelo de uma forma de experiência decerto peculiar (...). Pois que o estado de inconsciência parece-lhe ser o mesmo “no qual se encontram aqueles que vemos desfalecer de fraqueza na agonia da morte, e que compadecemos sem razão, crendo que sejam agitados por graves dores ou tenham a alma oprimida por pensamentos penosos.” “Sempre pensei - ele acrescenta - que tivessem o ânimo e o corpo sepultos e adormecidos (...). E jamais pude crer quem em uma tão grande perturbação dos membros e em uma tal perda dos sentidos, a alma pudesse conservar qualquer força para reconhecer-se.” (AGAMBEN, 2005, p. 49).

⁴Glosa: A queda de Montaigne e o inconsciente. In: AGAMBEN, G. *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência*. In: AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 19-78.

O episódio de Montaigne (e também o de Rousseau que aparece na mesma Glosa do texto) anuncia “o emergir e o alastrar-se do conceito de inconsciente no século XIX e tem sua original reformulação na obra de Freud”, o conceito “manifesta claramente a sua atribuição a uma terceira pessoa, a um *Es*, a experiência inconsciente não é, de fato, uma experiência subjetiva, não é uma experiência do *Eu*” (AGAMBEN, 2005, p. 51).

Infância e História em Benjamin e Agamben

Acerca das noções de infância, história e ainda, experiência, encontramos em Benjamin as teses “Sobre o conceito de história” e, ao longo de suas reflexões, o desenvolvimento de uma concepção de infância e de experiência. Estes conceitos não aparecem elaborados de uma forma sistemática nos seus escritos, mas bastante fragmentada, pois que “não há, em Benjamin, um *sistema filosófico*: toda sua reflexão toma a forma do *ensaio* ou *fragmento*” (LÖWY, 2002, p. 199). Benjamin escreve também para as crianças e fala sobre as crianças, e ao fazer isso, apesar de não se dedicar à educação, ele acaba mostrando como compreendia um modo de relação com aqueles recém-chegados ao processo civilizador, ou ao mundo moderno. Como disse Benjamin, é na infância, pois, que reside a capacidade de *reconhecer o novo*, de *estranhar-se* e introduzir esse *novo estranho* no espaço simbólico:

Tarea de la infancia: introducir el nuevo mundo en el espacio simbólico. Pues el niño puede hacer aquello de lo que el adulto es completamente incapaz: reconocer lo nuevo. Para nosotros las locomotoras tienen ya un carácter simbólico, porque las encontramos en la infancia. Para nuestros niños lo tienen sin embargo los automóviles, en los que nosotros sólo hemos captado el lado nuevo, elegante, moderno, desenfadado. No hay antítesis más estéril e inútil que la que pensadores reaccionarios como Klages se esfuerzan en establecer entre el espacio simbólico de la naturaleza y el de la técnica. A toda configuración verdaderamente nueva de la naturaleza - y en el fondo la técnica es también una de ellas - le corresponden nuevas “imágenes”. Toda infancia descubre estas nuevas imágenes para incorporarlas al patrimonio de imágenes de la humanidad (BENJAMIN, 2005, p. 395).

A tarefa de construir o mundo simbólico associado à infância talvez seja um dos aspectos mais centrais e de maior destaque para se relacionar a concepção benjaminiana de infância com a de Agamben, pois, para o filósofo italiano a infância

está lá onde não se consegue falar, “onde os nomes nos faltam, onde a palavra se parte em nossos lábios” (AGAMBEN, 2005, p. 13), está, portanto, situada num mundo simbólico que, para Agamben, é o pensamento. Veremos mais adiante⁵ como é possível relacionar essas duas concepções, por ora é preferível uma maior dedicação para compreender minimamente como infância e história aparecem nesses dois autores.

Só é possível compreender uma elaboração dessas noções (e também a de experiência, que está imbricada nestas duas ideias), tanto em Benjamin como em Agamben, se buscarmos entendê-las dentro de uma constelação da modernidade e, particularmente na crítica à modernidade. A partir do movimento dialético do pensamento, Benjamin constrói uma teoria da modernidade, ou melhor, um modo para compreender a modernidade. Na sua historiografia materialista, o movimento do pensar, se dá na mesma medida do seu aquietamento, momento em que o pensamento se imobiliza ante uma constelação saturada de tensões:

Allí donde el pensar se para de pronto ante una constelación saturada de tensiones, provoca en la misma un shock mediante el que ella cristaliza como mónada. El historiador materialista accede a un objeto histórico sólo y exclusivamente cuando éste le sale al encuentro cómo mónada (TIEDEMANN, 2005, p. 28).

A metáfora da mônada ajuda a entender como Benjamin concebia um modo historiográfico materialista-dialético, pois o movimento do pensamento consiste em captar o tempo dentro de uma constelação que se irrompe e se cristaliza como uma mônada, formada por pequenas partículas históricas; aí está o objeto do materialismo-histórico: ele tem a imagem de uma mônada. “No es que lo pasado arroje luz sobre lo presente, o lo presente sobre lo pasado, sino que imagen es aquello en donde lo que ha sido se une como un relámpago ala hora en una constelación. En otras palabras: imagen es la dialéctica en reposo” (BENJAMIN, 2005, p. 465). Poderíamos aqui perguntar se não seria este lugar de aquietamento do pensar, - onde o pensar se imobiliza irrompendo numa constelação saturada de tensões antes de se condensar numa mônada -, o lugar da infância de Agamben?

Em Agamben, filósofo italiano contemporâneo à filosofia da história de Benjamin, a infância está entrelaçada, ou, podemos dizer, se desdobra no conceito

⁵No próximo tópico: *A experiência como potência do pensar em Benjamin e Agamben.*

de experiência, a própria infância é a experiência, localizada no hiato entre pensamento e linguagem. Em “Infância e História - ensaio sobre a destruição da experiência”, Agamben fala da infância e da história, mas esta infância seria a própria não-fala, a diferença entre língua e discurso, nesta diferença “que permanece o incontornável com o qual toda reflexão sobre a linguagem deve confrontar-se”:

Pois, é óbvio que, para um ser cuja experiência da linguagem não se apresentasse desde sempre cindida em língua e discurso, um ser que já fosse, portanto, sempre falante e estivesse sempre em uma língua indivisa, não existiriam nem conhecimento, nem infância, nem história: ele seria desde sempre imediatamente unido à sua natureza linguística e não encontraria em nenhuma parte uma descontinuidade e uma diferença nas quais algo como um saber e uma história poderiam produzir-se (AGAMBEN, 2005, p. 14).

Em Agamben, a infância é o lugar do próprio pensamento, lugar onde se produz, nas descontinuidades e diferenças, um certo saber e uma história. À infância como potência, aparece o pensar como potência e a este lugar tem-se a infância do homem, sua própria experiência, onde o tempo parece parar, conforme dizia Benjamin para depois se irromper e condensar na palavra, conforme diz Agamben. A infância, em Agamben, seria a voz humana, aquela que não é linguagem, que não está na coisa, no objeto, mas no próprio indizível, aí neste não-lugar reside a experiência, pois que:

a singularidade que a linguagem deve significar não é um inefável, mas é o supremamente dizível, a coisa da linguagem. Por isto, no livro, a infância encontra o seu lugar lógico em uma exposição da relação entre experiência e linguagem. A experiência aqui em questão é, acolhendo a indicação do programa benjaminiano da filosofia que vem, algo que poderia ser definido apenas nos termos - para Kant decididamente improponíveis - de uma “experiência transcendental” (AGAMBEN, 2005, p. 11).

A experiência transcendental em Agamben constrói-se a partir da redefinição do conceito de transcendental no pensamento contemporâneo “em função de suas relações com a linguagem”:

Uma experiência que se sustém somente na linguagem, um *experimentum linguae* no sentido próprio do termo, em que aquilo de que se tem experiência é a própria língua. (...) Kant apresenta como (...) a tentativa de considerar os objetos “na medida em que são somente pensados.” Trata-se, ele escreve, de uma experiência que não se faz com os objetos, como nas ciências da natureza, mas com conceitos e princípios que admitimos *a priori*

(tais objetos, ele acrescenta, “devem, contudo, deixar-se pensar!”)
(AGAMBEN, 2005, p. 11).

Neste sentido, a experiência transcendental situa-se no próprio pensamento⁶, no “deixar-se pensar” e a infância ocupa este espaço entre o pensamento e a palavra, a língua e o discurso, um lugar onde os nomes nos faltam. (AGAMBEN, 2005). O “romper-se da palavra” seria “o passo para trás na estrada do pensamento”, conforme disse Heidegger nas palestras sobre a Essência da linguagem, colocado por Agamben (AGAMBEN, 2005, p. 13).

Em Benjamin, podemos ver a infância, fundamentalmente, numa perspectiva materialista-histórica, a partir de produtos do trabalho humano, que são passados de geração em geração, tais como os brinquedos, os jogos, as fábulas, as coleções e os livros infantis e também pela própria narrativa de experiência de uma infância situada. As crianças e a infância são os restos pelos quais Benjamin se interessou, a história dos vencidos e não a dos vencedores; aquela história que nos seus livros de escola aparecia em notas de rodapé e pelas quais ele se interessava:

Quando era jovem, aprendi História lendo o Neubauer, que ainda deve existir em muitas escolas, talvez hoje um pouco diferente do que era antes. Na época o que mais me chamava atenção era que as páginas eram divididas em caracteres grandes e pequenos. As páginas com caracteres grandes falavam de príncipes, guerras, tratados de paz, alianças, datas etc., coisas que tínhamos que decorar, e eu não achava muita graça. Em caracteres pequenos vinham as páginas com a, assim chamada, história das civilizações, contando sobre os costumes e tradições das pessoas em tempos antigos, suas crenças, sua arte, ciência, suas construções etc. Aquilo não era preciso decorar, bastava ler, o que era muito mais divertido. Por mim, as páginas impressas em caracteres pequenos poderiam ter sido em número muito maior. Não se ouvia falar muito sobre essas coisas durante a aula. O professor de alemão dizia: isto vocês vão ver na aula de História, e o professor de História: isto vocês vão ver na aula de alemão. No final acabávamos quase sempre sem ouvir nada” (BENJAMIN, 2015, p. 181).

Compreendo então que tanto em Benjamin como em Agamben, a experiência da infância se relaciona com a linguagem que, por sua vez, se relaciona com a história, uma história da criação enquanto formação humana, presente na linguagem e analisada por Benjamin nos materiais históricos dos vencidos, nos restos da história, presentes no próprio cotidiano da existência. Ao mesmo tempo, a

⁶Cf. Agamben (2005, p. 13): “é possível aliás que aquilo que chamamos de pensamento seja puramente e simplesmente este *experimentum*.”

possibilidade da experiência encontra-se no pensamento, o que se torna cada vez mais impossível, à medida em que a modernidade avança no seu desenvolvimento técnico-científico, e que vamos nos afastando cada vez mais dos processos de produção artesanal da existência, portanto, dos processos de criação humana. Por outro lado, no movimento dialético do pensamento, ao volver-se para a infância, Benjamin a coloca como essa capacidade ou, digamos, potência que tem sua face transformadora e criadora do humano, pois é dessa potência, deste *estranhamento do novo* que se irrompe o mundo social, este formado pelo que o particulariza do mundo natural, por um espaço que é *simbólico*.

A experiência como potência do pensar em Benjamin e Agamben

Como havia exposto antes, podemos então, a partir das ideias de infância em Benjamin e Agamben, pensar que a experiência da infância encontra seu lugar no espaço simbólico e, ao mesmo tempo em que ocupa esse lugar, a infância também participa da construção (ou seria criação?⁷) do mundo simbólico. Pois, como colocou Benjamin, é na infância que reside a capacidade de reconhecer o novo e introduzir esse novo estranho no espaço simbólico, e a essa tarefa de construção simbólica encarrega-se a infância: “Tarea de la infancia: introducir el nuevo mundo en el espacio simbólico” (BENJAMIN, 2005, p. 395). A infância que descobre “nuevas imágenes para incorporarlas al patrimonio de imágenes de la humanidad” (BENJAMIN, 2005, p. 395), a infância que ocupa o lugar de reconhecimento do novo não estaria ela em consonância com aquele mesmo lugar de que fala Agamben, onde “os nomes nos faltam”, um lugar que antecede a irrupção da palavra, que antecede o irrompimento da coisa na linguagem? Outras aproximações podem ser relacionadas entre os dois autores, sobretudo quando Agamben, ao situar a incapacidade da experiência do homem contemporâneo na existência cotidiana ou, como ele diz, na opressão do cotidiano, aproxima-se do que disse Benjamin sobre a pobreza de experiência com o avanço da técnica, sobre o deslocamento da experiência para fora do sujeito. Em algumas passagens do seu Ensaio sobre a

⁷A dúvida aqui se coloca pois que em Benjamin essas categorias: *criação* e *construção* não aparecem no seu argumento, mas sim a ideia de *introduzir o novo*.

destruição da experiência, Agamben nos remete à Benjamin para fazer a crítica do presente:

O homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo. Benjamin, que já em 1933 havia diagnosticado com precisão esta “pobreza de experiência” da época moderna, indicava suas causas na catástrofe da guerra mundial. (AGAMBEN, 2005, p. 21).

O conceito de experiência é vertebrador do pensamento benjaminiano, tanto nos seus escritos de juventude, como de maturidade. As ideias de experiência em Benjamin aqui trabalhadas aparecem em “Experiência e pobreza” e “O narrador”. Entretanto, para além desses dois ensaios, falar de experiência nos escritos benjaminianos implica falar em distintas formas de como ele escreve sobre o conceito, uma delas a partir do seu declínio, tal como as desenvolvida nestes dois ensaios que conceituam a experiência na modernidade, com o desenvolvimento acelerado da técnica. Por outro lado, Benjamin também escreve sobre a experiência a partir da própria infância, da narrativa de uma infância urbana, berlinense. Assim, em Benjamin, falar de experiência, antes de mais nada, significa falar de uma experiência com o mundo moderno e suas transformações.

A experiência benjaminiana relaciona-se com a memória, com aquilo que é passado de geração em geração, aquilo que tem o peso da tradição, a experiência é a transmissão de histórias pela narração:

ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. (BENJAMIN, 2012, p. 123).

A ideia de experiência como aquilo que pode ser transmitido de geração em geração permite relacionar o ato de transmitir com um ato educativo, formativo, que se dá na transmissão, portanto, entendo que uma transmissão só é possível numa relação, e o que está neste entre, nesta relação, é a capacidade de colocar-se a pensar. Se o ato é de transmitir, a potência deste ato está no pensamento, o fazer-se pensar permite a experiência. Nesta relação está a voz, a narrativa, o provérbio, a autoridade da palavra, que significa o peso da tradição, que significa uma relação com um pensamento mágico, imaginativo, potente. Compreendo então que a

experiência, - o pensamento, a infância, pois que carrega o estranhamento do novo - está no cerne da formação humana.

Por outro lado, com o “monstruoso desenvolvimento da técnica” atingimos “uma forma completamente nova de miséria” (BENJAMIN, 2012, p. 124), a pobreza de experiência. A uma modernidade técnica, transforma-se “os homens antigos em criaturas inteiramente novas [...]. De resto, essas criaturas também falam uma língua inteiramente nova” (BENJAMIN, 2012, p. 126). Essa incapacidade de narrar, de transmitir experiência, de fazer-pensar, em Benjamin aparece como um sintoma de uma modernidade que tenta apagar os restos, o residual, aquilo do passado que sobra no presente. O declínio da experiência seria essa eterna tentativa de apagamento da história, da tradição, um apagamento sutil e conformado porque em nome do científico, do que pode ser experimentado e não experienciado pelo sujeito: a experiência foi expelida do sujeito pelo pensamento moderno e colocada, por exemplo, na máquina fotográfica:

O que não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem. E, curiosamente, o homem olha para elas com alívio. Uma visita a um museu ou a um lugar de peregrinação turística é, desse ponto de vista, particularmente instrutiva. Posta diante das maiores maravilhas da terra [...], a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje a experimentá-las: prefere que seja a máquina fotográfica a ter experiência delas (AGAMBEN, 2005, p. 23).

Esta experiência de que falam Agamben e Benjamin, calcada na narrativa, na linguagem, na tradição ocupa um lugar distinto daquele que ocupa o conhecimento. Neste sentido, a experiência não coincide com o conhecimento técnico-científico, mas adquire sua forma nas singularidades, na sensibilidade, na alma, que se contrapõe ao que é inteligível, à inteligência (*nous*) (AGAMBEN, 2005). “A ideia de uma experiência separada do conhecimento tornou-se para nós tão estranha a ponto de esquecermos que, até o nascimento da ciência moderna, experiência e ciência possuíam cada uma o seu lugar próprio” (AGAMBEN, 2005, p. 26).

Nesta separação entre experiência e ciência, inteligência (*nous*) e alma (*psyché*) não são, no pensamento antigo, a mesma coisa, “o intelecto não é, como nós estamos acostumados a pensar, uma “faculdade” da alma: ele não lhe pertence de modo algum” (AGAMBEN, 2005, p. 27). Neste sentido, o problema da experiência, tal como se apresenta na contemporaneidade não se apresentava como um problema no pensamento clássico,

apresenta-se naturalmente, para ele [o pensamento clássico], como problema da relação (da “participação, mas também da “diferença”, como dirá Platão) entre o intelecto separado e os indivíduos em sua singularidade, entre o uno e o múltiplo, entre o inteligível e o sensível, entre o humano e o divino (AGAMBEN, 2005, p. 27).

Em Agamben, o sujeito da experiência, esta que ocupa um lugar fora do conhecimento, separado da ciência, “era o senso comum, presente em cada indivíduo [...], enquanto que o sujeito da ciência é o *nous* ou intelecto agente, que é separado da experiência” (AGAMBEN, 2005, p. 26); o sujeito da ciência é aquele que transferiu a experiência para fora de si, que a exteriorizou nos instrumentos e nos números, numa razão técnica e instrumental, própria da modernidade. O sujeito moderno transforma a experiência em experimento, à medida em que a ciência moderna extingue a separação entre experiência e ciência “e faz da experiência o lugar - “o método”, isto é, o caminho - do conhecimento” (AGAMBEN, 2005, p. 28). A esta interferência da ciência na experiência, Benjamin elabora sua crítica à modernidade técnica relacionando à reconfiguração da experiência na vida moderna, a qual é contraposta a uma experiência calcada na tradição, presente nos sábios e nos viajantes, naqueles que podem narrar e, conseqüentemente, transformar a experiência em história. Em Agamben, tal como Benjamin, com o desaparecimento do provérbio, forma na qual a experiência se colocava como autoridade, o slogan passa a consistir no “provérbio de uma humanidade que perdeu a experiência” (AGAMBEN, 2005, p.23).

Nas “Narrativas Radiofônicas” é possível ver a maneira como Benjamin pensava a ideia de experiência, particularmente a experiência da infância, mediada na figura do narrador e do ouvinte, pela narrativa. As narrativas de Benjamin para as crianças dão forma aquela experiência do viajante e do velho sábio, ou seja, uma experiência que está no espaço e está no tempo. Um espaço-tempo tecido de relações materiais e culturais, como a do marinheiro-comerciante que viaja e estabelece muitas e diversificadas relações, como a daquele que já viveu muito, que é possuidor de uma sabedoria de vida:

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes últimos existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna

plenamente tangível se tivermos presentes ambos esses grupos. “Quem viaja tem muito a contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante. De fato, ambos estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas linhagens de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. Essas duas linhagens constituem, como já foi dito, apenas tipos fundamentais. A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a íntima interpenetração desses dois tipos arcaicos (BENJAMIN, 2012, p. 214-215).

Aqui, neste momento em que vou concluindo minhas reflexões penso nos livros infantis, nas fábulas, que ainda sobrevivem na infância e que nos remetem à tradição, à narração, à experiência. Conforme Agamben, “a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência” (AGAMBEN, 2005, p. 22-23). Fábulas de bruxas, de personagens típicos de uma dada cultura, figuras e fatos misteriosos que rondam a história, aparecem como possibilidades de experiência e fornecem pistas que garantam a possibilidade de uma experiência da infância no mundo contemporâneo.

O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de conto de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho quando ele era difícil de obter, e era o primeiro a ajudar em caso de emergência. Essa emergência era a emergência provocada pelo mito. O conto de fadas revela-nos as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo que o mito havia infundido em nossos corações. Ele nos mostra, (...) no personagem do animal que socorre uma criança, (...) que a natureza prefere associar-se ao homem do que ao mito (...). O feitiço libertador do conto de fadas não põe em cena a natureza como uma entidade mítica, mas indica a sua cumplicidade com o homem liberado. O adulto percebe essa cumplicidade apenas ocasionalmente, isto é, quando está feliz; para a criança, ela aparece pela primeira vez no conto de fadas e provoca nela uma sensação de felicidade (BENJAMIN, 2012, p. 232-233).

As fábulas nadam contra a maré de estímulos incessantes, efêmeros e fugazes as quais somos o tempo todo rodeados na vida cotidiana. As massas, a massificação das informações, das imagens, a produção em série da indústria cultural, têm o poder de alcançar a formatação das subjetividades, de produzirem a subjetividade e, no interior de uma produção em série de subjetividade, a pobreza de experiência, ou a sua destruição. A fábula não se externaliza do sujeito, a fábula

media uma relação entre pensamento e linguagem, assim como a arte: ao ouvir contos, a criança-ouvinte perlabora o que ouve na sua imaginação, cria imagens, transforma em ação mimética, mimetiza e cria memória...

Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando - a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como a nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico. Diante de seu livro ilustrado, a criança coloca em prática a arte dos taoístas consumados: vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se por entre tecido e bastidores coloridos, adentra um palco onde vive o conto maravilhoso. (...). Nesse mundo permeável, adornado de cores, em que a cada passo as coisas mudam de lugar, a criança é recebida como participante. Fantasiada com todas as cores que capta lendo e contemplando, a criança se vê em meio a uma mascarada e participa dela. Lendo - pois se encontraram as palavras apropriadas a esse baile de máscaras, palavras que revolteiam confusamente no meio da brincadeira como sonoros flocos de neve. (...). Ao elaborar histórias, crianças são cenógrafas que não se deixam censurar pelo “sentido” (BENJAMIN, 2002, p. 69-70).

Concluindo...

Por fim, neste estudo busquei trazer as ideias de experiência presentes em Benjamin e Agamben, percorrendo suas discussões em torno das concepções de infância e história a partir, fundamentalmente, de textos dos autores e de suas discussões tecidas durante a realização dos seminários. Tê-los realizado configurou-se como possibilidade de continuidade, ampliação e complementariedade aos estudos que vinham sendo realizados, de forma mais aprofundada, em grupo de pesquisa concomitante à realização dos seminários, tratando sobre a infância e a experiência nos escritos benjaminianos (por este motivo, é provável que a tinta tenha borrado demasiado sobre este autor, ainda que o desafio proposto tenha sido a interlocução com Agamben). A intenção deste trabalho teórico foi buscar aproximações entre os autores que nos ajudem a pensar a experiência da infância nas sociedades contemporâneas.

Talvez um dos elementos para se destacar deste estudo tenha sido a aproximação, em Benjamin e em Agamben, da concepção de infância. Algo de imprevisível que emergiu com a realização deste trabalho, pois que infância em Agamben e em Benjamin, num primeiro momento, pareciam distantes entre si pelo próprio uso do termo, no entanto, compreendo que ambos situam a infância numa dimensão simbólicaconstitutiva da condição humana, cujo desaparecimento é um

sintoma da modernidade. linguagem, na introdução do novo no espaço simbólico. Por outro lado, essa infância aparece enquanto potência de experiência, espaço de transformação e de resistência. Outros diálogos entre Benjamin e Agamben pareciam mais evidentes, como a crítica à modernidade e sobre a impossibilidade de experiência a qual conduzimos a nós mesmos no mundo científico moderno. Benjamin falava sobre como o avanço da técnica nos levou à catástrofe da guerra e Agamben fala como esse aceleração vem destruindo a experiência cotidiana do homem contemporâneo. A feitura deste trabalho sugere, com o seu término, maior exploração das ideias aqui trabalhadas, envolvendo infância, história e experiência em Agamben e Benjamin com o conceito de experiência analisado por Foucault. Pois, diante do tempo e dos limites do trabalho, deixar Foucault de lado nesta discussão foi uma escolha, mas não um desinteresse, consequência de falta de tempo para um trabalho de maior envergadura e que excederia os tempos e laudas exigidos de um ensaio produzido ao final de um estudo teórico. O que não quer dizer algo menor, pelo contrário, acredito que são essas possibilidades de ensaiar-se pelos escritos destes filósofos, permitidas e incitadas ao final destes estudos que nos permitem movimentar o pensamento, que nos permitem, enfim, a experiência do pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 19-78.

BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo (Obras Escolhidas v. III). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BENJAMIN, W. Libro de los pasajes. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. Infância berlinense: 1900. In: BENJAMIN, W. Rua de mão única. Infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, pp. 67-116.

BENJAMIN, W. A hora das crianças: narrativas radiofônicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2015.

LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, v. 16 (45), 2002, pp. 199-206.

PAGNI, Pedro Angelo. Sobre os cantos da experiência na moderna formação humana. In: PAGNI, P. A. *Experiência estética, formação humana e arte de viver: desafios filosóficos à educação escolar*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 23-41.

PAGNI, Pedro Angelo; GELAMO, Rodrigo Pelloso. (Orgs.). *Experiência, educação e contemporaneidade*. Marília: Poiesis: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TIEDEMANN, Rolf. Introducción del editor. In: BENJAMIN, W. *Libro de los pasajes*. Madrid: Ediciones Akal, 2005, pp. 9-33.

VÍDEO - "The passages of Walter Benjamin". A documentary film. 55min. 2014. WECHSLER, Judith (escritora, diretora e produtora); O'CONNOR, Erika Volchan (editora). Publicado na plataforma online de vídeos YouTube em 24 de fev. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsbzzMRdIBg>. Acessado em 3 de set. de 2015.